

Desafios de ensino/ aprendizagem da disciplina “Arte e Antropologia” num curso superior de
Artes Visuais¹²

Cristina Antonievna Dunaeva – UnB/ DF

Palavras – chave: ensino de antropologia; arte e antropologia; decolonialismo.

*Como seres humanos, não resta
dúvida de que nossas principais
responsabilidades consistem em
intervir na realidade e manter nossa
esperança*

Paulo Freire. Pedagogia dos sonhos possíveis

O presente trabalho busca relatar a experiência de docência da disciplina “Arte e Antropologia” no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB). A disciplina faz parte do fluxo obrigatório do curso de Teoria, Crítica e História da Arte (TCHA), um curso noturno, criado na UnB em 2014, pelo programa Reuni. Após três anos de docência na UnB, pretendo compartilhar algumas considerações sobre os processos de ensino e de aprendizagem desta disciplina (que ofertei duas vezes até o presente momento) no contexto específico de um curso teórico da área de conhecimento Artes. Vale salientar que a maioria de estudantes que cursaram ou cursam, atualmente, a disciplina quase que não possuem nenhum conhecimento prévio de qualquer conteúdo relacionado à Antropologia. Um dos desafios, portanto, dos processos de ensino e de aprendizagem que apresento é a necessidade de, no período de um semestre letivo, oferecer um panorama do vasto campo de saberes antropológicos e introduzir estudantes às problemáticas peculiares da ementa desta disciplina (as teorias de performance em artes e antropologia, as produções artísticas das populações indígenas no Brasil e no mundo e suas abordagens contemporâneas e, por fim, o uso do método etnográfico por artistas contemporâneos/as). Pretendo debater, ainda, algumas especificidades desta experiência no que tange a sua inserção num curso de Teoria e História da Arte, um campo de estudos que

1 Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

2 Dedico este texto a estudantes que cursaram, cursam ou estarão cursando a disciplina Arte e Antropologia no curso de Teoria, Crítica e História da Arte da UnB. Todas as ideias discutidas no presente trabalho surgiram a partir de processo de troca de ideias com estudantes, em sala de aula, e são resultado de nossas calorosas conversas.

muito lentamente passa por uma revisão epistemológica tardia e necessária. Havia no curso de TCHA, por exemplo, pouco espaço para os debates em torno de marcadores sociais de diferença e as repercussões destes em campo de artes. Os conteúdos dedicados ao estudo das artes indígenas e de produções artísticas marginalizadas historicamente (da população afrobrasileira; de mulheres) são ínfimos, apesar de aumentarem consideravelmente nos últimos anos. Este cenário é muitas vezes apontado e discutido por estudantes durante as aulas – apresentarei algumas estratégias possíveis pensadas conjuntamente para a transformação dos problemas apontados neste contexto específico. Por fim, proponho apresentar e discutir as pedagogias possíveis e criadas coletivamente a partir de práticas de troca de saberes com estudantes e de inquietações surgidas durante o período de docência em Arte e Antropologia.

Comecei a trabalhar na UnB, no curso de TCHA, em 2015, e fui indicada a ministrar, entre outras, as duas disciplinas da grade curricular que tratam de conteúdos das Ciências Sociais: Arte e Sociologia; e Arte e Antropologia. A designação deu-se devido a minha formação em Ciências Sociais (no doutorado; a graduação e o mestrado foram em história, com ênfase em história da arte) e à experiência de docência das disciplinas Antropologia Cultural e Introdução às Ciências Sociais, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri (URCA), uma universidade estadual cearense, aonde trabalhei entre 2010 e 2015.

Apresento, inicialmente, algumas considerações sobre as problemáticas de campo de conhecimento específico de história e teoria de arte. O surgimento de história da arte, como um campo teórico autônomo, sucede com o início da modernidade/colonialidade e relaciona-se com a estruturação do sistema econômico capitalista na Europa no século XV. A história da arte, como campo de estudos teóricos, necessita, urgentemente, de uma revisão crítica que possa sugerir pontos de vista diferenciados sobre a produção artística contemporânea e historicamente datada, no sentido de desconstrução de leituras conceituais anteriores, visando a inclusão e os questionamentos sobre a exclusão da produção artística de assim chamadas “minorias”: grupos sociais que historicamente foram e continuam sendo excluídos do sistema das artes, exclusão esta repercutindo as situações de exclusão social, política e econômica das “minorias” desde os primórdios do capitalismo e da colonização europeia do nosso continente. Desta maneira, a ressignificação contemporânea de história da arte é inserida dentro de estudos interdisciplinares que problematizam toda a história moderna e o sistema social, político e econômico atual de distintos pontos de vista teóricos, entre os quais se destacam a decolonialidade e o feminismo.

A metodologia de pesquisa em história da arte passou por uma reformulação em função de própria ressignificação deste campo teórico. Adota-se, atualmente o método cartográfico, rizomático, que procura a constituição de uma história aberta, interrupta, que possui densidades de diferentes graus, que forma um desenho não centralizado, porém, representativo de tensões sociais. Em vez de dicotomias inerentes à história da arte colonial, como arte erudita e arte popular, ou arte e artesanato, tornam-se operantes na constituição da cartografia as tensões entre o centro e as periferias, entre os incluídos e os excluídos das redes de poder ou de diversos sistemas simbólicos. Cito, em seguida, um texto recente, publicado numa coletânea de artigos editada pelo Museu de Arte de São Paulo (MASP), aonde escrevo sobre estas problemáticas do campo de conhecimento de história e teoria da arte, no Brasil (DUNAEVA 2017, p. 95-97):

Até hoje em dia, em maioria de cursos de História da Arte/ Artes Visuais no país, aprende-se muito mais sobre a história da arte europeia³; não estuda-se quase nada da nossa própria arte, das nossas artes anteriores ao período colonial. Não sabemos quase nada do que existia antes do século 16, em termos artísticos, no território do Brasil atual. Nossa memória, nossa história, nossa arte foram amputadas. Em manuais de história da arte, usados em cursos de graduação no Brasil, grande parte do conteúdo continua sendo dedicada à arte europeia, principalmente quando se trata de períodos anteriores aos séculos 20 e 21. No Brasil, a história da arte permanece herança viva da violência colonial. Em maioria de cursos de graduação em História da Arte, o estudo da arte mesoamericana ou andina dos períodos anteriores à colonização é inexistente. Aprende-se sobre o Egito antigo e sobre a Antiguidade clássica; esquece-se da arte dos maias, dos aztecas, dos povos que habitavam o território que chamaram de Brasil. O esquecimento em questão não é gratuito, revela um posicionamento político de pesquisadores em arte no país. Vale lembrar que em muitos campos teóricos das ciências humanas houve um movimento fortíssimo, desde meados do século 20 de revisão epistemológica, metodológica e ontológica. A história, como ela foi ensinada até este momento, foi denunciada como uma visão histórica imposta pelos colonizadores. Houve abertura para visões e entendimentos históricos críticos, heterogêneos. Surgiram as teorias pós-

3 Ver: MUÑOZ, Alejandra Hernández. Arte latino-americana: percursos e omissões na historiografia da arte. Disponível em: <<<https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/atas/atas-IEHA-v1-043-051-alejandra%20hernandez%20munoz.pdf>>>. Acesso: 5 de Nov. 2018.

coloniais e o pensamento decolonial, extremamente relevantes para a América Latina⁴. Já a história da arte, em grande parte, continua sendo um campo de estudos teóricos bastante conservador e eurocêntrico. A presença de artistas mulheres, de artistas não brancos e não brancas, não europeias e não europeus em bibliografia específica, em pesquisas em história da arte e em exposições, é bastante reduzida, principalmente quando se trata de períodos anteriores a meados do século 20. Em cursos de história da arte, no Brasil, estuda-se o modo de fazer e de pensar arte daqueles que nos subjugarão, que destruíram nossas florestas e que assassinaram nossos antepassados. Não estudamos as artes da Mesoamérica com o mesmo ímpeto que a arte do Renascimento. Não estudamos as artes dos nossos povos indígenas com o mesmo interesse que a arte medieval ou a arte produzida no Brasil no século 19 pelas elites escravocratas na Academia de Belas Artes. Esta situação precisa ser mudada.

A produção artística das populações ameríndias autóctones, logo no início da colonização, foi transformada, com o uso dos aparelhos conceituais e teóricos da história da arte europeia, em “artesanato” (Mirko Lauer, autor peruano, descreve maravilhosamente este processo em sua obra seminal *Crítica do artesanato*⁵). Ou conceituada, a partir das nomenclaturas não menos problemáticas, como “arte popular” ou “arte primitiva”⁶. Jamais como Belas Artes. As Belas Artes, no entendimento da história da arte eurocêntrica e colonialística, são somente as artes produzidas no continente europeu ou derivadas formalmente destas. Todas as formas artísticas existentes no mundo precisaram ser encaixadas numa linha evolutiva inventada nos primórdios do capitalismo na Itália, no século 16. Tal linha evolutiva foi aprimorada a partir de estudos da produção artística europeia ao longo dos séculos 16-19 (séculos de extermínio de alteridade e de modos de vida e de produção de arte não

4 Um breve resumo do surgimento e da circulação das teorias pós-coloniais e decoloniais pode ser encontrado em: BALLESTRIN, Luciana. “[América Latina e o giro decolonial](#)”. *Revista Brasileira de Ciência Política* [online]. n.11, 2013, pp. 89-117. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/9180/6893>>. Acesso: 5 de Nov. 2018.

5 Ver: LAUER 1947.

6 Acerca da história do surgimento do conceito “arte primitiva”, de seu uso e de seu desuso, atualmente, ver: FERNANDES DIAS, José A. “Arte e antropologia no século XX: modos de relação”. *Etnográfica*, v. V (1), 2001, pp. 103-129. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_05/N1/Vol_v_N1_103-130.pdf>. Acesso em: 5 Nov. 2018.

capitalística) e pressupunha a existência de ideais e ideias universais (leia-se europeus, dos colonizadores) em torno da arte e da figura de artista. Até hoje em dia estudamos os teóricos e historiadores da arte predominantemente europeus ou norte-americanos em nossos cursos. Mas não estudamos pensadores africanos, latino-americanos ou asiáticos. Não estudamos a história da arte dos povos aniquilados pelos europeus.

Como historiadoras e historiadores da arte, precisamos, urgentemente, inventar outros nomes, outros conceitos, outras formas de pensar e nos apropriar de nosso passado, outros olhares sobre a arte e a história da arte. Não faz sentido chamar toda a vastidão das artes produzidas em dois continentes que colonizadores nomearam de Américas de “pré-colombiana”, pois o denominador dá a ênfase enorme à figura de Cristóvão Colombo, líder dos colonizadores europeus que invadiram nossas terras. Cada vez que este conceito aplicado à produção artística anterior à colonização é usado, escrito ou pronunciado, assassina-se o passado e venera-se o assassino. De mesma forma questionável e trágica chamamos nossas terras de Américas, em referência ao nome de outro explorador europeu. Chamaremos, melhor, nosso continente de Abya Yala, “terra plenamente madura”, nome ancestral, amplamente usado hoje em dia pelos pesquisadores e teóricos decoloniais. Em vez de pré-colombiana ou pré-hispânica porque não chamar simplesmente a arte pelo nome do povo que a produziu, arte maya, arte azteca, arte quéchua, arte aymará, arte mapuche, arte xavante, arte kaxinawa. Não vamos nivelar toda a diversidade das artes que foram produzidas ao longo da história em Abya Yala com um conceito eurocêntrico e colonialístico.

Nenhuma das reflexões apresentadas acima seria passível de discussão se não houvesse o desejo de mudança, de encontrar alguma solução para os problemas postos. Nas duas ocasiões que tive a oportunidade de ministrar a disciplina Arte e Antropologia, iniciamos as discussões sobre as preocupações de estudantes em relação aos conteúdos de outras disciplinas do nosso curso (TCHA). A maior parte da grade curricular é composta pelas disciplinas de História e de Teoria da Arte, cujas ementas se baseiam na bibliografia europeia, dos séculos XVI – XX, e que abrange a produção artística dos países da Europa e dos EUA. Estudantes indagam como

poderão pensar a arte contemporânea, brasileira ou latinoamericana, sem tomarem conhecimento desta.

Vale mencionar que nos últimos anos, segundo a percepção de docentes mais antigos e a minha nestes três anos, o perfil de estudantes do curso mudou consideravelmente. Se no início, logo após a criação do curso de TCHA, a grande parte de estudantes buscava uma segunda formação e a aquisição de capital cultural que possibilitaria a melhoria de qualidade de vida (em viagens para os museus estrangeiros, por exemplo), sendo funcionários/as de empresas públicas ou privadas brasilienses; hoje em dia, a maioria do corpo discente é composta por pessoas que entraram na UnB pelas políticas de cotas raciais e socioeconômicas e que vêm dos bairros afastados do Plano Piloto, recém formados/as no ensino médio e nas escolas públicas. Apesar de não existirem, por enquanto, as pesquisas sobre as trajetórias de estudantes egressos/as do curso, devido a sua criação recente e ao pouco número de formandos/as, sabe-se que o campo de atuação possível pós- formação exigiria o domínio de instrumentos conceituais que possibilitariam a análise de arte contemporânea, por exemplo. Estudantes conversam bastante sobre a necessidade de estudar mais e de apropriar-se de instrumentos teóricos que permitem trabalhar com áreas de seus interesses, como a arte urbana, a arte não institucionalizada (ativismo, acionismo etc.) e as artes marginalizadas historicamente no país (as produções artísticas das “minorias” sociais).

Conversamos, então, sobre os porquês da ausência de referidos conteúdos/bibliografia em ementas do nosso curso. Chegamos à ideia de eurocentrismo, de etnocentrismo e à importância de buscarmos meios para contornar a situação dada. Partimos, então, à discussão sobre o quê seria a arte brasileira (as artes brasileiras?) e latinoamericana. Quando começa? O que entendemos por arte brasileira ou latinoamericana? Como estas se configuram hoje em dia? Aonde podemos encontrar os debates teóricos interessantes que nos ajudariam a pensar tais questões? Chegamos às ciências sociais e à antropologia. Daí, geralmente, vem uma grande surpresa. Apresento alguns trabalhos recentes das pesquisadoras brasileiras que escreverem sobre as artes indígenas (da Els Lagrou e da Regina Müller) – mostrando como as antropólogas discutem a necessidade de reformulação de aparelho conceitual em história da arte e a necessidade de uso de diferentes referenciais teóricos para estudarmos as artes indígenas e outras, aquelas que não cabiam em cânones eurocêntricos.

Surge o desejo de apropriar-se das teorias antropológicas. Algo impossível a ser realizado em tempo de um semestre letivo. Recomendo a estudantes a cursarem, quando possível, as disciplinas introdutórias do curso de antropologia da UnB (e muitos/as, de fato, as

cursam como as disciplinas optativas). E durante o semestre procuro apresentar autores/as e teorias mais importantes do vasto campo de conhecimento antropológico.

Alguns textos mostraram-se muito interessantes para trabalhar os conteúdos das disciplinas, como o texto de Débora Krischke Leitão “A arte de sensibilizar o olhar, ou porque ensinar antropologia?” que lemos logo na primeira aula. Peço, também, a estudantes da disciplina a preencherem um pequeno questionário que ajuda a entender melhor os percursos anteriores à UnB e seus interesses (pergunta sobre filmes, música, livros preferidos; se poderiam contar um pouco de sua vida, família, religião, trabalho).

Um segundo texto muito interessante, que lemos logo no começo do semestre, é o de José A. Fernandes Dias - “Arte e antropologia no século XX: modos de relação”. O texto inicia com uma longa citação em inglês, algo bem assustador para o início do semestre! Porém, acaba não sendo um empecilho, já que esta primeira citação e as outras, que aparecem ao longo do texto, foram traduzidas por uma estudante que domina bem o idioma; então, envio para a turma os dois arquivos junto – o artigo e as citações traduzidas. Além disso, logo levantamos a discussão sobre a necessidade de ler ou não os textos escritos em outras línguas, sobre a acessibilidade da bibliografia e sobre as razões de escolha deste artigo específico e as razões do autor em começar o desenvolvimento das ideias citando um texto em outro idioma. Fernandes Dias apresenta a discussão em torno dos cruzamentos teóricos entre arte e antropologia; trata das críticas ao “primitivismo” modernista, da arte dita etnográfica e chega às teorias da arte de Alfred Gell (cujos textos lemos logo em seguida: GELL 2001, 2009, 2018).

O terceiro texto introdutório que busco apresentar logo no início das aulas é “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI” de Ramon Grosfoguel, um dos principais teóricos de decolonialismo. Autor postula um problema inicial (GROSFOGUEL 2016, P. 2-3):

As questões principais que serão abordadas estão baseadas nas análises realizadas por Boaventura de Sousa Santos acerca da universidade, das epistemologias do Sul e a epistemologia Norte-cêntrica. O que faço neste trabalho é tomar suas observações acerca das estruturas epistêmicas contemporâneas baseadas em homens ocidentais de cinco países (França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália) e a partir de aí formular perguntas de investigações histórico-mundiais. As perguntas são as seguintes:

“Como é possível que o cânone do pensamento em todas as disciplinas da ciências sociais e humanidades nas universidades ocidentalizadas

(Grosfoguel, 2012) se baseie no conhecimento produzido por uns poucos homens de cinco países da Europa Ocidental (Itália, França, Inglaterra, Alemanha e os Estados Unidos)? Como foi possível que os homens desses cinco países alcançaram tal privilégio epistêmico ao ponto de que hoje em dia se considere o seu conhecimento superior ao do resto do mundo?

Como eles conseguiram monopolizar a autoridade do conhecimento do mundo? Por que o que hoje conhecemos como teoria social, histórica, filosófica, econômica ou crítica se baseia na experiência sócio-histórica e na visão de mundo de homens destes cinco países? Como é que no século XXI, com tanta diversidade epistêmica existente no mundo, estejamos ancorados em estruturas epistêmicas tão provincianas camufladas de universais? Quando se ingressa em qualquer departamento de ciências sociais ou humanidades, o cânone do pensamento a ser ensinado é fundamentalmente encontrado numa teoria produzida por homens dos cinco países da Europa ocidental citados anteriormente” (Santos, 2010).

Introduzidas as discussões iniciais, partimos para o estudo da bibliografia específica da disciplina, da teoria antropológica da arte de Gell e da teoria de performance de Victor Turner.

Grande parte do conteúdo da disciplina é dedicado às leituras e às análises de textos da Els Lagrou, uma das principais pesquisadoras das artes indígenas do país, atualmente. Neste semestre (2018.2), tivemos a honra de receber a pesquisadora na UnB, como conferencista do Colóquio de Teoria, Crítica e História da Arte organizado por docentes e discentes do nosso curso. A antropóloga Els Lagrou propõe uma abordagem peculiar para o estudo das produções artísticas das populações indígenas, denominada, por ela, de estética relacional. Na historiografia da arte brasileira nota-se a grande ausência de estudos das artes indígenas, tanto ao longo dos séculos passados, quanto na contemporaneidade. Outro problema bastante grave é a ineficácia de uso de conceitos teóricos originários do contexto europeu para a análise das artes indígenas, problema, inicialmente, apontado por antropólogos estrangeiros e contornado, de certa forma, pela proposta teórica de Gell. Lagrou, assim como Regina Müller e Carlo Severi, fazem uso da teoria de Gell e de outras propostas teóricas realizando pesquisas sobre os sistemas estéticos ameríndios. No nosso curso, a disciplina Arte e Antropologia acaba sendo uma das poucas que trata destes estudos, extremamente necessários e atuais.

Importante destacar, também, a presença de estudantes indígenas na UnB, no Departamento de Antropologia (DAN/ ICS) e no Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MEPST) e a ideia de estabelecer diálogos, convidá-los/las para as aulas.

Compreendo que nenhuma mudança epistêmica acontece sem o trabalho coletivo. Portanto, o processo pedagógico, em sala de aula, pressupõe debates e discussões em torno das temáticas propostas e, em grande parte, surgidas, vindas dos questionamentos e das indagações de estudantes. Lembramos da desobediência epistêmica, da revolta. Grande parte de estudantes do nosso curso vem das escolas públicas, é negra, é mulher, e não se enxerga no repertório oferecido nas ementas, na história da arte canônica e eurocêntrica. Se não se encontra dentro desta história da arte, que precisa ser repensada, aonde está? Precisamos ampliar as fronteiras de história da arte, tensioná-las. Os desafios são muitos e só poderão ser enfrentados partindo de desejo de mudança, da consciência da necessidade da mudança.

Referências bibliográficas:

BALLESTRIN, Luciana. “[América Latina e o giro decolonial](#)”. *Revista Brasileira de Ciência Política* [online]. n.11, 2013, pp. 89-117. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/9180/6893>>.

BELTING, Hans. **O fim da história da arte – uma revisão dez anos depois**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. **Language, poder e identidade**. (Traducción y prólogo: Javier Sez y Beatriz Preciado). Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

CHADWICK, Whitney. **Women, art and society**. London: Thames and Hudson, 2002.

DALLIER-POPPER, Aline. **Art, féminisme, post-féminisme: un parcours de critique d’art**. Paris: L’Harmattan, 2009.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: EDUSP, 2006.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DUNAEVA, Cristina Antonioevna. “Estatueta incógnita proveniente do Peru, datação não identificada, autoria descolnhecida: por uma história da arte menos eurocêntrica e mais problematizadora”. Em: PEDROSA, A., MIGLIACCIO, L. (Orgs.). *Entre nós: antologia. A figura humana no acervo do MASP*. São Paulo: MASP, 2017.

DUVE, Thierry de. **Au nom de l’art: pour une archeology de la modernite**. Paris: Minuit, 1989.

FERNANDES DIAS, José A. “**Arte e antropologia no século XX: modos de relação**”. *Etnográfica*, v. V (1), 2001, pp. 103-129. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_05/N1/Vol_v_N1_103-130.pdf>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GELL, Alfred. *Arte e agência: uma teoria antropológica*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GELL, Alfred. “**Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte**”. *Revista Poiésis*. N 14, Rio de Janeiro, dezembro de 2009. Disponível em:

http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis14/Revista_Poesis_TradAntropologia.pdf

GELL, Alfred. 2001. “**A Rede de Vogel: Armadilhas Como Obras de Arte e Obras de Arte Como Armadilhas.**” *Arte e Ensaios*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes da UFRJ, ano 8, n. 8, p. 174-191, 2001. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/alfred-gell-a-rede-de-vogel-armadilhas-como-obras-de-arte-e-obras-de-arte.html>

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Soc. estado. 2016, vol.31, n.1, pp.25-4. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00025.pdf>

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografias do desejo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação.** Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

LAGROU, Els. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre).** Rio de Janeiro: Topbooks, c2007. - BCE

LAGROU, Els. 2011. “**Existiria uma arte das sociedades contra o Estado?**”, em *Revista de Antropologia*, v.54, n.2: 780. Disponível ONLINE.

LAUER, Mirko. **Crítica do artesanato: plástica e sociedade nos Andes peruanos.** São Paulo: Nobel, 1983.

MANUAL PARA O USO NÃO SEXISTA DA LINGUAGEM. Porto Alegre: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014. Disponível em: <http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf>. Acesso: 12.9.2017.

MÜLLER, Regina Polo. “**As artes indígenas e a arte contemporânea**”. Em: *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 7-18, mai. 2010. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/12046/9430> Acesso em 05 de Abril de 2017

MUÑOZ, Alejandra Hernández. *Arte latino-americana: percursos e omissões na historiografia da arte.* Disponível em: <<<https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/atas/atas-IEHA-v1-043-051-alejandra%20hernandez%20munoz.pdf>>>. Acesso: 5 de Nov. 2018.

POLLOCK, Griselda. **Differencing the Canon: feminist desire and the writing of art’s histories.** London: Routledge, 1999.

Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas/ organização Carlo Severi; Els Lagrou. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.